

1561 - Claudio Manoel da Costa

Conferencia ao socio effectivo, dr. Afranio de Mello Franco, realizada no Instituto

Historico e Geographico Brasileiro, em 5 de junho de 1929

Código: 1561

Título: Claudio Manoel da Costa

Subtítulo : Conferencia ao socio effectivo, dr. Afranio de Mello Franco, realizada no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 5 de junho de 1929

Autor(es): FRANCO, Afranio de Mello

Edição: Imprensa Oficial de Minas Gerais

Local de Publicação: Belo Horizonte

Ano / Volume: 23

Páginas: 41-67

Data de publicação: 1929

Assunto: administração colonial portuguesa, crítica, República

Iluminismo, influência, Colônia

ouro, produção, Colônia

diamante, produção, Colônia

literatura, Colônia

arcadismo, Colônia

Arcádia Ultramarina, sociedade civil

José Pedro Xavier da Veiga, historiador, político, diretor do Arquivo Público Mineiro

Tomás Antônio Gonzaga, advogado, escritor, inconfidente

Inácio José de Alvarenga Peixoto, coronel, escritor, inconfidente

José Álvares Maciel, inconfidente, naturalista

Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, alferes, inconfidente

Conjuração Mineira, participantes, Colônia

Afonso Arinos, escritor, advogado, jornalista

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, periódico

Cláudio Manuel da Costa, juiz, escritor, secretário de governo, inconfidente

Cláudio Manuel da Costa, bibliografia

crítica literária, República

governador, homenagem, Colônia

Conjuração Mineira, historiografia, República

educação, crítica, Colônia

transporte, crítica, Colônia

administração judiciária, crítica, Colônia

recrutamento militar, Colônia

fábricas, engenhos e manufaturas, proibição, Colônia

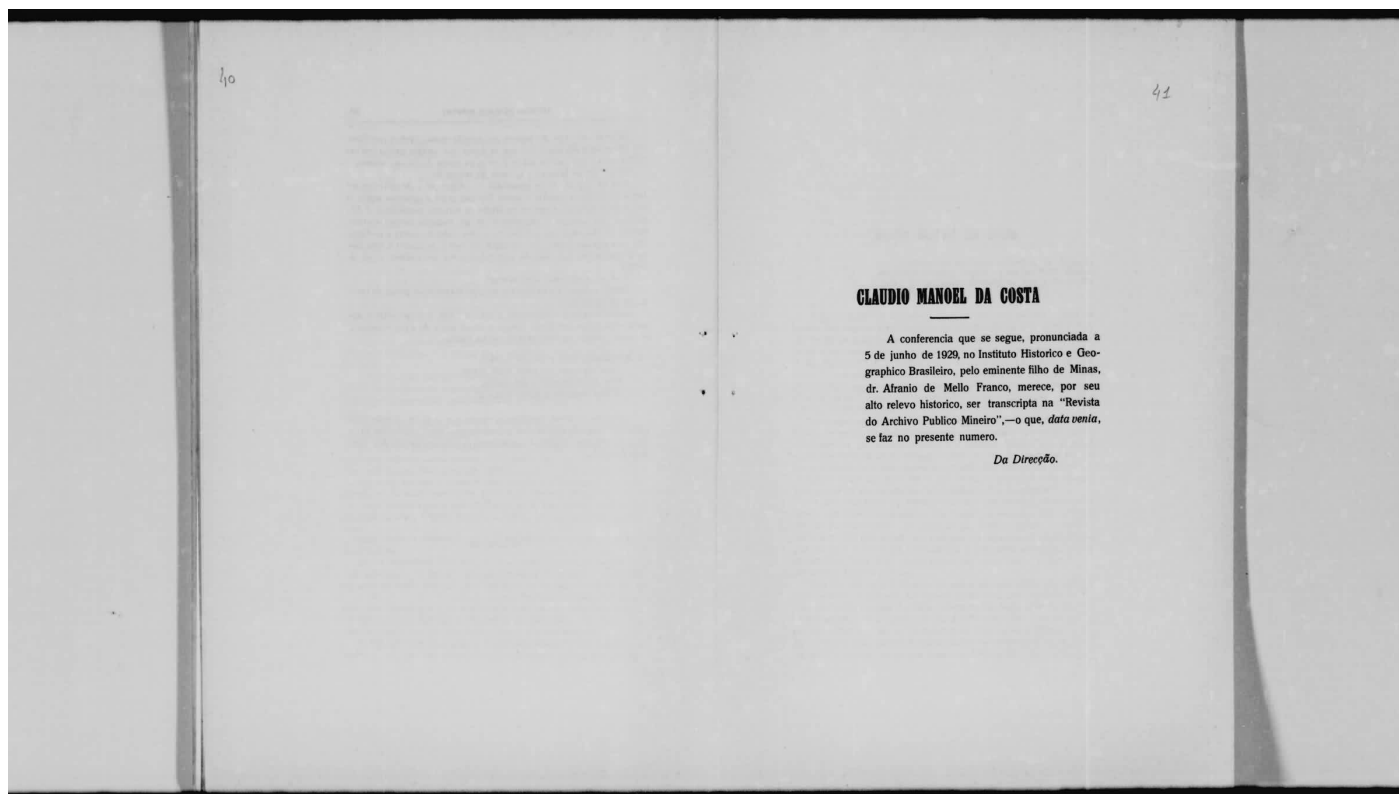
Conjuração Mineira, simbologia, Colônia

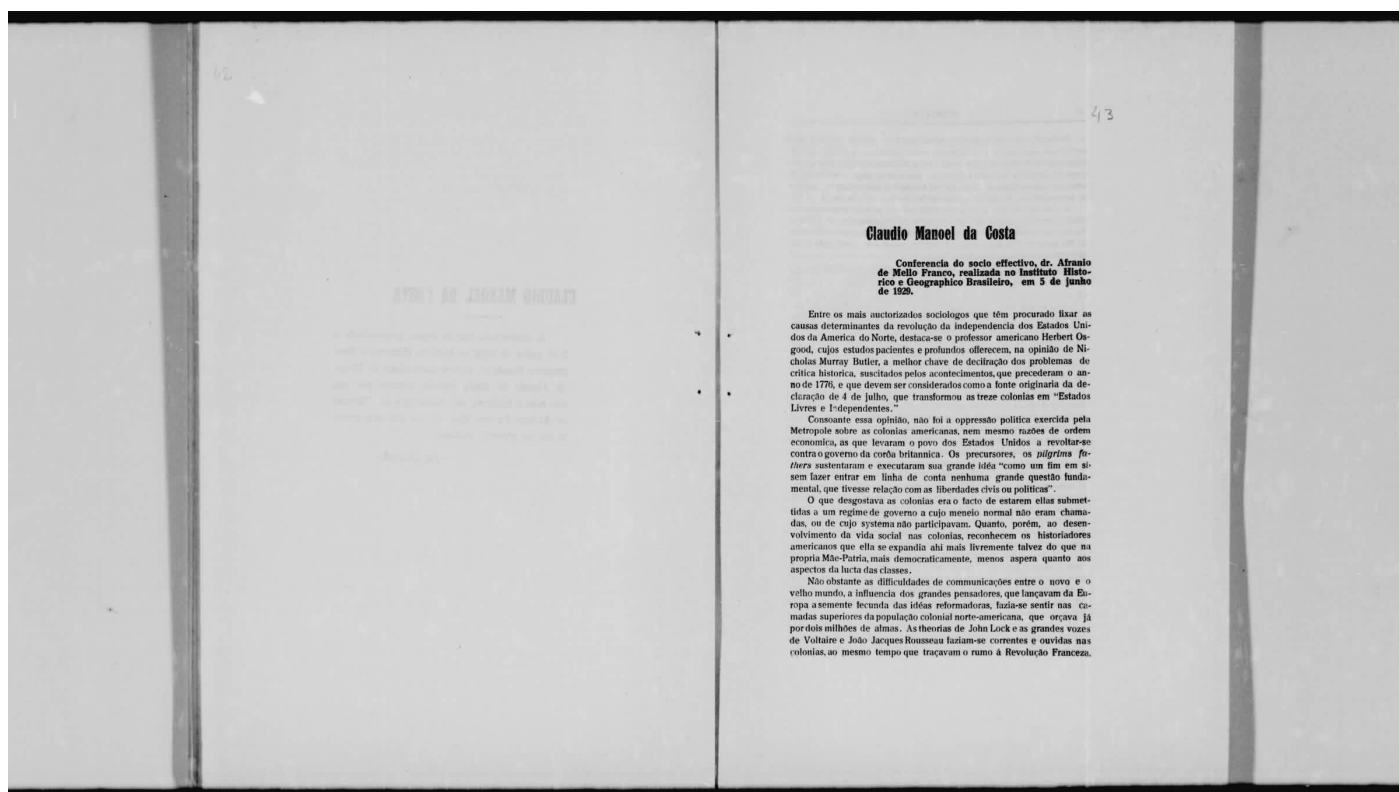
Basílio de Brito Malheiro do Lago, tenente-coronel, inconfidente, delator da Conjuração Mineira

Conjuração Mineira, investigação, Colônia

Anais da Biblioteca Nacional, periódico

Miguel Antônio Herédia de Sá, médico, jornalista, professor
Globo - O (Rio de Janeiro), periódico
Cristiano Benedito Otoni, político, militar, engenheiro, escritor





No Brasil, também, imperava, nessa época, o regime colonial, mas muito mais opressivo, mais ferrenho, mais tyrânico,—tratadas as capitânias pela Metrópole como verdadeiras feitorias, em que uma ignara massa de escravos arrancava da terra, com suor e sangue, os productos naturaes, que enchiam as arcas da real fazenda e satisfiziam a capricho de uma corte amollecida na opulencia lasciva e nos prazeres do ocio.

A capitania de Minas foi a que mais soffreu, pois de suas entranhas sahia a enorme massa de ouro, que, no dizer insuspeito de Oliveira Martins, permitiu ao Rei d. João V dar largas á sua ostentação fradesca e ao Marquez de Pombal reconstruir não só Lisboa, derrocada pelo grande terremoto, como também todo Reino.

Cerca de 30.000 arrobas de ouro e mais de 300.000 oitavas de diamantes foram extrahidas do territorio de Minas no periodo colonial e remittidas para o Reino, além das que a rapacidade dos capitães-generaes subtrahia ao real fisco, como se prova com o documento official em que Martinho de Melo e Castro, ministro de d. Maria I, denunciou o governador de Minas, Luiz da Cunha Menezes, como associado aos defraudadores do erario regio, e com o acto publico do Marquez de Pombal, que ordenou ao Conde de Valladarez, ao chegar este de Lisboa, em regresso de seu governo nas Minas Geraes, restituir noventa mil cruzados, que embolsara criminosamente.

Foi nessa triste quadra da vida da Capitania, quando o povo mineiro via diminuir o ouro de aluvião no cascalho de seus rios, quando se atrozava o pagamento dos pesados tributos impostos pela Metrópole, quando a ameaça da *derrama* pairava no ar com a exigencia de 600 arrobas de ouro dos quintos vendidos,—foi nessa época de soffrimento, de penuria, de obscurantismo e de tyrannia, que vieram ao mundo os grandes poetas da chamada Escola Mineira.

E' de assignalar-se a coincidência, notada por um escriptor patricio de terem nascido em um raio de vinte leguas na mesma região de Minas Geraes, e num mesmo espaço de tempo de vinte annos, os quatro maiores poetas nacionaes do seculo oitavo: Claudio Manoel da Costa, em 1720, na villa do Ribeiro do Carmo, hoje cidade de Mariana, segundo alguns de seus biographos, ou no povoado da vargem do Itacolomy, segundo outros, ou em Villa Rica, como admite Xavier da Veiga nas "Epithemídes Mineiras"; José de Santa Rita Durão, em 1717, como opina o mesmo Xavier da Veiga, ou 1721, como supplee Pereira da Silva, no povoado da Catta Preta, freguesia do Indio-nado, hoje arraial de Santa Rita Durão; José Basílio da Gama, em 1740, na villa de São José del Rey, hoje cidade de Tiradentes; e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, em 1745, em Villa Rica, hoje Ouro Preto.

Os poemas «Villa Rica», «Caramuru», «Uruguay», respectivamente dos tres primeiros, e a collecção de poesias «Glaura», do ultimo, têm sido objecto da critica nacional e estrangeira, que, unanimemente, sa-

grão os seus autores, como sendo dos maiores poetas da lingua portugueza.

Contemporaneos dos quatro citados, viveram também em Minas dois grandes poetas não naturaes da antiga Capitania: Thomaz Antonio Gonzaga, filho de paes brasileiros, mas nascido acidentalmente na Europa em 1744, e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, nascido neste mesmo anno na cidade do Rio de Janeiro.

O antigo arraial das Minas Geraes de Ouro Preto, que foi o principal nucleo dos intrepidos bandeirantes que primeiro devassaram o territorio mineiro, transformou-se poucos annos depois na opulenta Villa Rica, que chegou a ser em curto prazo o maior centro de trabalho e de riqueza do Brasil-Colônia e que, no dizer do citado historiador patricio, era «mais conhecida e falada em Portugal do que o mesmo Rio de Janeiro, sede do Vice-Reinado, na America Portuguesa».

Foi ali que se formou e tomou vulto a conspiração de 1789, em que a idéa da independência nacional reunia no mesmo anelo patriótico muitas das mais eminentes personalidades da capitania, que sonharam organizar em Minas Geraes uma Republica soberana e livre, a que pudessem adherir mais tarde as capitânias vizinhas.

Foi ali que um grupo de intelligencias, animado pelo sopro do patriotismo, dominado por idéas generosas e illuminado pelos clares que o sol immenso da Revolução Franceza e da libertação das colonias ingliezas da America do Norte projectava na deusa noite do Brasil Colonial, alimentou o sonho sublime de organização de uma livre Patria, nas montanhas de sua terra. A nova Arcadia, como a sua gloriosa irmã do Peloponozo, alteando-se em suas contilheiras, estava predestinada a ser o berço da independência nacional guiada por seus pastores predilectos, que trocaram a lyra pelos instrumentos de guerra.

Claudio Manoel da Costa, que, na Arcadia Ultramarina tomou o nome de *Glauceste Soturnio*, Alvarenga Peixoto, o de «Alceu», e Thomaz Antonio Gonzaga, o de «Dirceu», formam entre as primeiras figuras que se immortalizaram pela famosa sentença da Alçada de 20 de abril 2 e 9 de maio de 1792. Esta Arcadia Ultramarina, que, como a sua irmã de Roma, fundada em 1690, e a de Lisboa no reinado de D. José I, tinha por fim proteger a sciencia, a litteratura e as bellas artes, parece que foi também um centro de agitação revolucionaria, ou, pelo menos, uma instituição, que, nos ultimos tempos, tomou um certo caracter politico, secreto. Esta hypothese resulta da prova de certos factos da historia da época, entre os quaes o do lechamento, pelo torvo e suspicaz Conde de Borende, da «Sociedade litteraria», fundada no Rio de Janeiro, pelo seu antecessor — Marquez de Lavradio — e amparada pelo Vice-Rey que o substituiu, Luiz de Vasconcellos e Souza.

A fundação dessa Arcadia Ultramarina remonta, segundo a opinião do General Alfeu Lima, expressa á pag. 232, da «Dedecção Chrono-

logica, ao anno de 1790, sob o nome de «Arcadia do Rio das Mortes», mas, Xavier da Veiga pensa que foi, mais ou menos, em 1782, que se organizou, na cidade do Rio de Janeiro, aquella instituição, com filiaes em Minas, São Paulo, e, talvez, em outros pontos do Brasil.

Empossado do seu cargo de vice-rei, a 4 de julho de 1790, o Conde de Rezende, «sombrio no pensamento e, peor ainda, sombrio nos seus actos», proseguia implacavelmente nos trabalhos da *leza deusasa*, aberta no Rio de Janeiro e em Minas Geraes, para a descoberta dos réus de lesa-majestade da conspiração da Inconfidência. Suspeitos todos os homens de letras, fechada arbitrariamente a Sociedade Literaria, foram encarcerados, metidos a ferro, na fortaleza da Conceição, varios poetas, philosophos e pensadores, entre os quaes o poeta mineiro, dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, cujos bens, livros e museus foram confiscados, e Mariano José Pereira da Fonseca, que foi mais tarde Marquez de Maricá.

A accusação que pesava sobre elles era a de se reunirem em casa do primeiro, onde as apparentes palestras litterarias encobriam perigosas machinações de *Jacobinos* e *libertinos* contra a segurança do governo régio e contra a Igreja.

Considerados como chefes da *Conjuração Mineira* tres dos maiores poetas de Portugal daquelle tempo e do Brasil—Claudio Manoel, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto—«o taciturno vice-rei viu nesse facto aviso ou advertencia para se acutelar com os poetas da vasta colonia cuja primeira auctoridade era».

Não é, portanto, aventuroso inferir desses factos que a *Arcadia Ultramarina* não era somente um ninho de trovadores lyricos, mas, sim, tambem, um centro de agitação patriótica, em que os *Glaucetes Sotarrão*, *Fileno*, *Alceu*, *Evandro*, *Alcindo*, *Politreno*, *Oliver*, *Critillo* e outros delixavam a simplicidade bucolica dos pastores pelos riscos de um levantamento revolucionario, cujo fim era a emancipação da colonia e a fundação de uma republica soberana no territorio da Capitania de Minas Geraes.

O joven dr. José Alvares Maciel, filho de um capitão mór, de Villa Rica e ali nascido em 1761, não era da *Arcadia* apesar de sua cultura e de sua intelligencia, optimizada nas viagens que emprendeu pelo velho Mundo, principalmente pela Inglaterra e pela França, onde, com outros tres estudantes brasileiros—José Pereira Ribeiro, José Joaquim da Maia e José Mariano Leal—foi recebido por Thomaz Jefferson, então Ministro Plenipotenciario da nova Republica dos Estados Unidos da America do Norte, que o animára a trabalhar pela causa da independencia do Brasil.

Fito elle—esse culto e destemperado rapaz de vinte e poucos annos de idade—quem primeiro se entretivera com o Alfeu Joaquim José da Silva Xavier, no Rio de Janeiro, concertando o plano da conjura-

ção, que foi ganhando aos poucos os espiritos e fortalecendo-se com o alheio dos homens mais eminentes da Capitania.

Não sendo Maciel da grei dos poetas e sonhadores da *Arcadia*, mas, sim, um espirito pratico, desciplinado no estudo das sciencias naturaes e na applicação destas ás industrias, que começavam a desabrochar para a surpreendente phase dos tempos modernos, deve-se concluir que o movimento tentado não era apenas um sonho ingenuo, ainda que generoso, de trovadores e juristas, mas qualquer coisa de mais profundo na alma popular, empolgando os sentimentos e personalidades das mais diversas formações moraes e das mais differentes profissões: soldados, como o tenente-coronel de dragões Francisco de Paula Freire de Andrada, o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Piza, o tenente coronel da cavallaria auxiliar Domingos de Alvares Vieira e o Alfeu José Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*, sacerdotes, como José da Silva e Oliveira Rolim, e José Lopes de Oliveira; medicos, como o Dr. Domingos Vidal Barbosa Lage; fazendeiros, como os dois José de Rezende Costa, pae e filho; magistrados, como Alvarenga Peixoto e Thomaz Gonzaga.

Esse era o quadro social da época, quando começou o commovente drama historico, em cujo desenrolar se insculpiam, em bronze eterno, as mais fulgentes paginas da época de nossa independencia, regada pelo sangue generoso de Tiradentes e pelo martyrio dos seus compatriotas no desterro cruel dos arduos arcaes africanos.

A primeira victimia da feroz deusasa instaurada em Minas foi Claudio Manoel da Costa, jurista, philosopho, poeta, antigo secretario geral do governo da Capitania, nas administrações do Capitão General Gomes Freire de Andrada (Conde Bobadella), Luiz Diogo Lobo da Silva e D. José Luiz de Menezes Albranches Castel-Branco (Conde de Valadares).

Evoquemos por um instante, a sua figura terrena, através de um trecho de seu saudoso irmão, Alfredo Arinos, em sua *Atolado Bundeirante*, quando descreve a Villa Rica de 1789:

«Abaixo, a antiga residencia de Claudio Manoel da Costa, o suicida da Casa dos Contos, o poeta mavioso dos sonetos a Nize. O martello do pregoeiro da justiça regia cabia sobre a quieta morada do cantor do patrio ribeiro; o unto do sequestro arrolou todos os moveis e immoveis do desventurado inconfidente; nem escaparam a roupa e os livros. E, que fino não devia ser este homem, que lizia versos como Petrarca e sabia compo-los tambem na propria lingua de Petrarca.

Temos á vista o arrolamento dos bens confiscados ao arcade ultra-marino Glaucete Saturnio, ou Claudio Manoel: cadeiras, estofadas de damasco, espalim de finos leoures, chapéus de castor e outro coberto de setim, camisas de bretanha com folhos de rendas, vestidos completos, ou ternos-casca, vestia e calções, de panno carmezim, caseado de ouro; de cabuya verde, com chuva de prata; de velludo côr de cereja;

de seda branca matizada; de belbute amarelo; de ganga, bordada de preto; de panno verde; de saia preta de seda; de belbute preto; de droguete castor preto; de seda com bordadura larga; de setim côr de rosa, com ramos de ouro e matizes; de chita abrilantada; de seda preta; e mais o manto de cavaleiro de Christo, os cascões, os capotes, a bolsa contendo as oitavas de ouro, as centenas de volumes de velhos praxistas, de philosophos, de poetas classicos, os autographos de versões, as proprias imagens dos santos de devoção, cobertas com redomas de vidro! E os escravos, as terras, as lavras, o cavallo alazão, com uma silva na testa, dois castanholos, um dos quaes frontaberto, cinco bestas arrelaidas, duzias de prato de porcellana da India, os proprios oculos do advogado, o seu livro de Horas — tudo com tal minucia, tal apuro de individuação, que, insensivelmente, a casa do poeta se nos desenha tal como era ha 114 annos!

Vemo-lo debruçado em seu buffet de trabalho, nas noites humidas e frias de Villa Rica, metido no casaco acamurçado de baetão, com os oculos pendurados no nariz, revendo versos ou raxões, à luz do candilho; ou, familiarmente, ao lado de seu intimo desembargador Gonzaga, communicando-se reciprocamente as ultimas produções, enquanto o sino da Cadeia toca a recolhida, só a cometa na rija muralha do palacio do Capitulo-Geral, e os negros passam apressados, batendo na calçada as alpercatas de couro, a fugirem da ronda."

Thomasz Gonzaga, o companheiro constante de Claudio Manoel, recordou tambem, do fundo de seu carcere, os dias felizes de sua convivencia com o confrade, nos suaves versos seguintes:

"Que diversas são, Marília, as horas,
Que passo na mansão, immunda e feia,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria aldeia!
Então eu me ajuntava com Glaucete,
E, á sombra d'alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua cara Eulina.
Cada qual o seu canto aos astros levava;
De exceder um ao outro qualquer tratava:
O echo agora diz: Marília ternaz,
E logo: Eulina ingrata.
A' noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito;
Mal f'os dava, e os lias, os guardavas
No canto e branco peito."

Commemora hoje o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o bi-centenario do nascimento do poeta, occorrido a 6 de junho de 1728,

do mesmo modo que commemorou solememente, a 4 de julho de 1889, o centenario de sua morte, occorrida em um dos *segredos* mandados construir pelo governador Visconde de Barbacena, na casa do *real contracto*, das *entradas*, posteriormente chamada *casa dos reus* — então de propriedade do contractor João Rodrigues de Macedo e adjudicada em 1803 ao Real Erario em pagamento do alance do mesmo Macedo para com a fazenda regia, na importância de 138268807.

O tomo LIII, parte 1 da *Revista Trimestral* deste Instituto, é quasi todo dedicado ao primeiro martyr precursor da liberdade nacional, aquelle que, participando dos planos da conjuração, *propal* para as armas da Republica mallegrada o lema *aut libertas, aut nihil*, e que, actuando em seu meio como poeta do largo vito, foi cognominado pelos posteros o *Metastasio brasileiro*.

A allocução do então Presidente do Instituto — Joaquim Norberto de Souza e Silva — grave, erudita, solemne e eloquente; o discurso do orador — Senador Alfredo de Eschagnole Tannay — elevado, imaginoso e quente; o estudo minucioso, imparcial e revelador de alto saber historico do dr. José Alexandre Teixeira de Mello; as *notas biographicas*, escriptas pelo mesmo presidente Joaquim Norberto, — trabalhos estes lidos na sessão commemorativa acima citada e publicados no dito numero da *Revista do Instituto*, — constituem rico e precioso repositório, que, reunido aos trechos das numerosas apreciações de escriptores nacionaes e estrangeiros, acerca das obras do poeta, exgotou, realmente, tudo quanto d'este se poderia dizer.

Quanto a Claudio Manoel, como patriota, precursor da independencia da nossa terra, como homem de caracter e comparsa da vida civil de seu tempo, é da mais alta importancia o subsidio trazido a sua biographia pelo notavel historiadôr mineiro — José Pedro Xavier da Veiga — na ephemeride escripta sobre a data de 4 de julho de 1780, baseada em estudo profundo, publicado pelo dr. José Alexandre Teixeira de Mello no segundo volume dos *Anuários da Bibliotheca Nacional*.

Apoiado nesses valiosos elementos, tentarei esboçar o perfil historico da primeira victima da sanha da justiça d'E-Rei, apreciando primeiramente o homem como poeta, e, depois, como figurante no drama da Inconfidencia.

O POETA

A obra poetica de Claudio Manoel compõe-se, conforme a relação publicada pelo dr. Teixeira de Mello no citado tomo LIII, parte 1, da *Revista* deste Instituto, dos seguintes trabalhos:

Minuscule Métrica, consagrada a D. Francisco da Anunciação, Rector da Universidade de Coimbra — edição de 1751;
Epicedio, consagrado á memoria de Frei Gaspar da Encarnação, reformador dos Conegos de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra — edição de 1753.

Labyrinth of Amor, poema—edição de 1753.
Números Armonicos temperados em herdeu e lyrica consonancia,
 —edição de 1753.

Obras de Claudio Manoel da Costa, Arcado Ultramarino, chamado
Glauceste Saturno, edição de 1763.

Villa Rica, poema, publicado em 1841, na typographia do O Univer-
 sal, de Ouro Preto, pelo socio fundador deste Instituto, senador José
 Pedro Dias de Carvalho, em obsequio ao mesmo Instituto.

Além dessas obras, creio que só se conhece o que foi publicado pe-
 lo nosso eminente mestre e consocio, dr. Barão de Ramo, Guivão, no
 tomo segundo, anno primeiro da *Revista Brasileira*, em 1868, a que
 acima nos referimos. Esta ultima collecção, que, em manuscrito do
 poeta, foi encontrada pelo nosso referido consocio, na bibliotheca do
 «*Clube Claudio Manoel da Costa*», em Mariana, comprehende: uma Pa-
 la, um Canto Epico, uma Cantata Epithalamica, duas eclogas, sete odes,
 dezesseite sonetos e duas glosas.

Das composições acima arroladas, que são tudo quanto chegou a
 nossos dias da larva do poeta, as quatro primeiras são da epoca da
 adolescência, quando Claudio Manoel cursava as aulas da Universidade
 de Coimbra. A sua grande obra a do tempo da madureza, do integral
 desenvolvimento do espirito e do maior preparo intellectual, é a que se
 editou em Coimbra, em 1762, na officina de Lúis Seco Ferreira, sob
 aquelle titulo simples de *Obras de Claudio Manoel da Costa*, collecção
 esta que comprehende cem sonetos, dos quaes alguns em lingua italia-
 na, tres epigramas, vinte eclogas, seis epistolas, oito cantatas, quatro ro-
 mances e canções em versos rimados e em toantes, conforme a clas-
 sificação feita pelo dr. Teixeira de Mello em suas *Notas Bibliographi-
 cas*.

Escrevendo acerca da poesia e generos literarios no Brasil, Olavo
 Bilac e Guimarães Passos, disseram, no «*Tratado de Versificação*», que
 Claudio «foi talvez o menos brasileiro e o mais classico dos poetas da
 epoca». Thomaz Gonzaga o maior lyrico e Basilio da Gama o maior epi-
 co, o mais brasileiro, e mais humano, o de mais vibrante inspiração e
 de mais colorido estilo.

Também Almeida Garrett, escrevendo acerca da obra de Claudio,
 «quizesse que este, em vez de nos debuxar no Brasil scenas da Arcadia,
 quizesse pintar os seus paes com as cores do
 pais onde as situou».

Mas, Theophilo Braga, em sua «*História da Literatura Portuguesa*»
 contesta a opinião dos que censuram a Claudio essa arguida falta de ru-
 cho nacional nas obras que nos legou. Ao contrario de taes censuras,
 acha o eminente mestre da critica portugueza que «os poetas da provin-
 cia de Minas, que se inspiravam das idéas encyclopedistas, foram os
 propagadores da nacionalidade brasileira», e, referindo-se especial-
 mente a Thomaz Gonzaga, diz que as suas *lyras* renouam as velhas

formas das *Serrilhas*, que persistiam entre o vulgo com o titulo de *mo-
 dinhos*, dos quaes fala Tolentino:

«Já de entre as verdes murteiras
 Em zuzuismos accentos,
 Com segundas e primeiras,
 Subem nas azas dos ventos
 As modinhas brasileiras».

Para Theophilo Braga, era da colonia que vinha para a Metropole a
 influencia litteraria, com suas novas fontes de inspiração, tanto que as *ly-
 ras* de Gonzaga chegaram a supplantar em Portugal «a insipidez das
 composições arcadicas».

No dizer insuspeito desse grande mestre da historia da literatura
 do seculo, «quando o seculo se apresenta exausto de vigor moral e de
 talento, é da colonia, que se agita na aspiração de sua independencia,
 que lhe vem a seiva das naturezas criadoras».

Desta opinião é também Sylvio Romero, que, ao tratar do periodo
 litterario que vai de 1750 a 1830, epoca em que «floresceu a chamada
 «*Escola Mineira*», lhe dá o nome de «*periodo do desenvolvimento auto-
 nomico*».

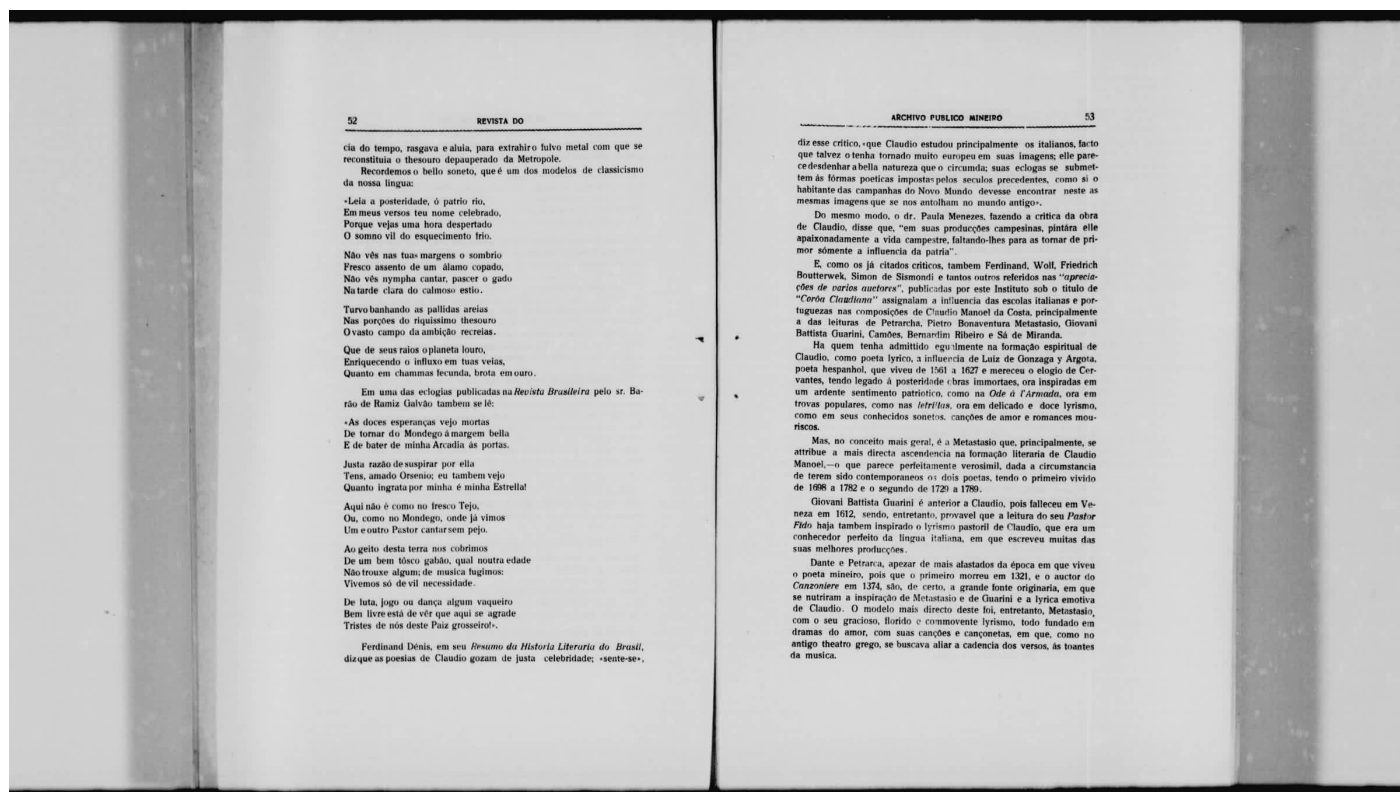
A emancipação só veio com Gonçalves Dias e José de Alencar.

E inaguel que Claudio, em suas imagens, evocava frequen-
 temente a paisagem europia e que as margens do Mondego, do Lima e
 do Tejo estão mais nos seus versos do que as ruínas e penhascosas ri-
 beiras do seu patrio ribeiro. Sente-se nelle a saudade das pitto-
 rescas regiões, em que o poeta passou cinco annos de sua mocidade,
 e, ás vezes, além da saudade também o pesar de viver fora dellas. As-
 sim, em sua saudade à Arcadia Ultramarina, Claudio escreveu:

«Ah! Si da gloria vossa,
 Pastores, cá me vira,
 Tão digno, que na bella Arcadia nossa
 Equilamente meu nome se insculpirá
 Entre a série preclara
 De Glauceste a memoria se guardara.

Mas onde irá sem pejo
 Collocar-se atrevido
 Quem longe habita do sereno Tejo
 Quem vive do Mondego dividido,
 E as auroras, não serenas
 Do Patrio Ribeiro respira apenas?

O poeta tinha saudades dorilãos, das folhas do musgo godo, do
 silencio das herdades, em contraste com a natureza bravia das minas
 geraes, cujas montanhas o rude trabalho dos escravos, sob a inclemen-



cia do tempo, rasgava e alia, para extrair o fulvo metal com que se reconstituía o thesouro depauperado da Metropole.
Recordemos o bello soneto, que é um dos modelos de classicismo da nossa lingua.

«Lela a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio.

Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um alano copado,
Não vês nymphas cantar, pacer o gado
N'atarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pallidas areias
Nas porções do riquíssimo thesouro
O vasto campo da ambição recreia.

Que de seus raios o planeta louro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamma fecunda, brota em ouro.

Em uma das eclogias publicadas na *Revista Brasileira* pelo sr. Barão de Ramiz Galvão também se lê:

«As doces esperanças vejo mortas
De tornar do Mondego á margem bella
E de bater de minha Arcadia as portas.

Justa razão de suspirar por ella
Tens, amado Oresnic, eu também vejo
Quanto ingrata por minha é minha Estrella!

Aqui não é como no fresco Tejo,
Ou, como no Mondego, onde já vimos
Um e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao geito desta terra nos cobrimos
De um bem tóxico gabão, qual noutra idade
Não trouxe algum de musica fugimos:
Vivemos só de vil necessidade.

De luta, jogo ou dança algum vaqueiro
Bem livre está de vêr que aqui se agrade
Tristes de nós deste Paiz grosseiro!».

Ferdinand Denis, em seu *Resumo da Historia Literaria do Brasil*, diz que as poesias de Claudio gozam de justa celebridade; «sente-se».

diz esse critico, «que Claudio estudou principalmente os italianos, facto que talvez o tenha tornado muito europeu em suas imagens; elle parece debedenhar a bella natureza que o circunda; suas eclogas se submettem ás formas poeticas impostas pelos seculos precedentes, como si o habitante das campanhas do Novo Mundo devesse encontrar neste as mesmas imagens que se nos antolham no mundo antigo».

Do mesmo modo, o dr. Paula Meneses, fazendo a critica da obra de Claudio, disse que, «em suas produções campesinas, pintara elle apaixonadamente a vida campestre, faltando-lhes para as tornar de primeiro somente a influencia da patria».

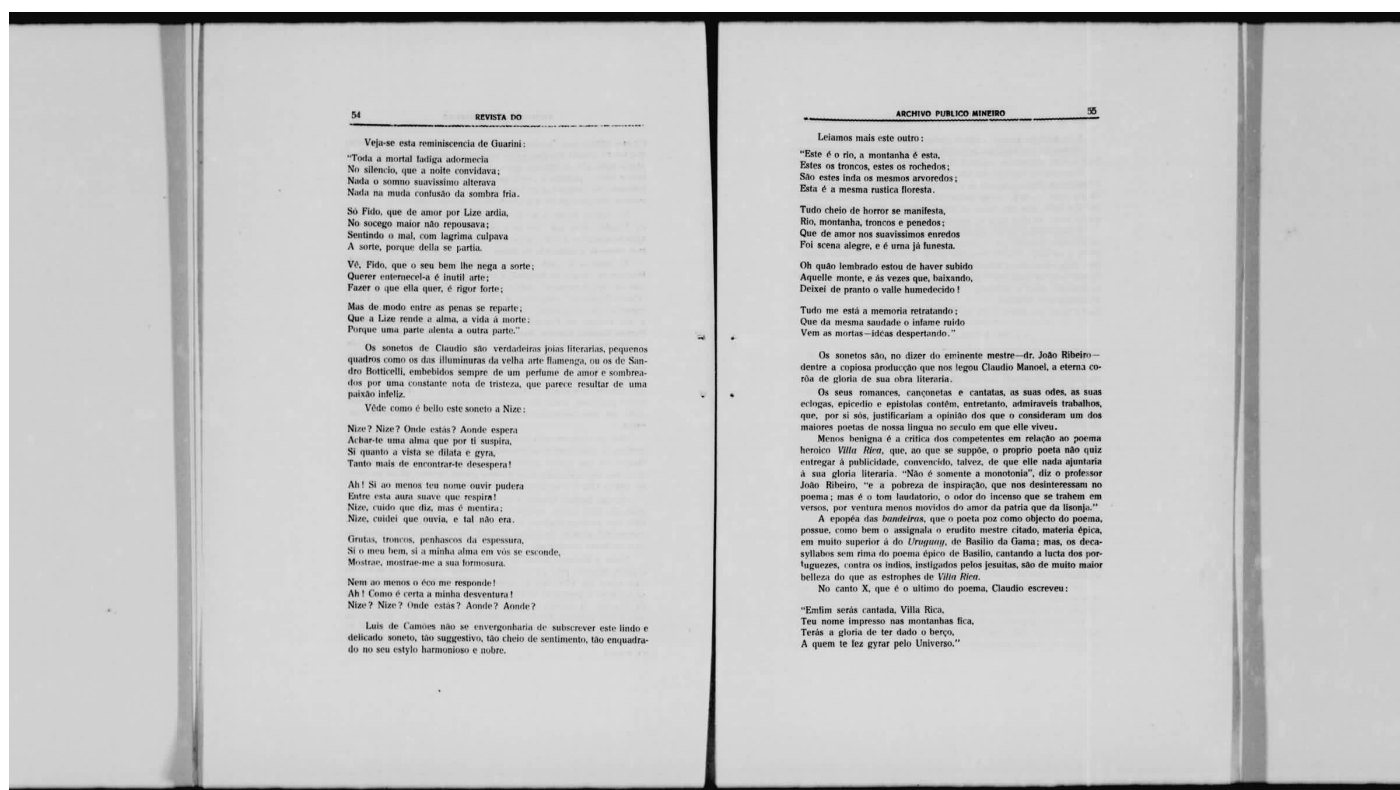
E como os já citados criticos, tambem Ferdinand, Wolf, Friedrich Bouterwek, Simon de Sismondi e tantos outros referidos nas «apreciações de varios auctores», publicadas por este Instituto sob o titulo de «*Civitas Claudiensis*» assignalam a influencia das escolas italianas e portuguezas nas composições de Claudio Manoel da Costa, principalmente a das leituras de Petrarca, Pietro Bonaventura Metastasio, Giovanni Battista Guarini, Camões, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda.

Ha quem tenha admittido egualmente na formação espirital de Claudio, como poeta lyrico, a influencia de Luiz de Gonzaga y Argota, poeta hespanhol, que viveu de 1561 a 1627 e mereceu o elogio de Cervantes, tendo legado á posteridade obras immortaes, ora inspiradas em um ardente sentimento patriótico, como na *Ode á Ársoula*, ora em trovas populares, como nas *letrillas*, ora em delicado e doce lyrismo, como em seus conhecidos sonetos, canções de amor e romances mousicaes.

Mas, no conceito mais geral, é a Metastasio que, principalmente, se attribue a mais directa ascendencia na formação literaria de Claudio Manoel,—o que parece perfeitamente verosimil, dada a circumstancia de terem sido contemporaneos os dois poetas, tendo o primeiro vivio de 1688 a 1782 e o segundo de 1729 a 1780.

Giovanni Battista Guarini é anterior a Claudio, pois falleceu em Veneza em 1612, sendo, entretanto, provavel que a leitura do seu *Pastor Fido* haja tambem inspirado o lyrismo pastoril de Claudio, que era um conhecedor perfeito da lingua italiana, em que escreveu muitas das suas melhores produções.

Dante e Petrarca, apezar de mais afastados da época em que viveu o poeta mineiro, pois que o primeiro morreu em 1321, e o auctor do *Canzoniere* em 1374 são, de certo, a grande fonte originaria, em que se nutriram a inspiração de Metastasio e de Guarini e a lyrica emotiva de Claudio. O modelo mais directo deste foi, entretanto, Metastasio, com o seu gracioso, florido e commovente lyrismo, todo fundado em dramas do amor, com suas canções e cançonetes, em que, como no antigo theatro grego, se buscava alliar a cadencia dos versos, as toantes da musica.



Veja-se esta reminiscência de Guarini:

"Toda a mortal fadiga adormecia
No silêncio, que a noite convidava;
Nada o somno suavíssimo alterava
Nada na muda confusão da sombra fria.

Só Fido, que de amor por Lize ardia,
No socego maior não repousava;
Sentindo o mal, com lagrima culpava
A sorte, porque della se paria.

Vê, Fido, que o seu bem lhe nega a sorte;
Querer entornar-lhe é inútil arte;
Fazer o que ella quer, é rigor forte;

Mas de modo entre as penas se reparte;
Que a Lize rende a alma, a vida à morte;
Porque uma parte alenta a outra parte."

Os sonetos de Claudio são verdadeiras joias literárias, pequenos quadros como os das iluminuras da velha arte flamenga, ou os de Sandro Botticelli, embebedos sempre de um perfume de amor e sombreados por uma constante nota de tristeza, que parece resultar de uma paixão infeliz.

Vede como é bello este soneto a Nize:

Nize? Nize? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! Si ao menos teu nome ouvir pudera
Entre esta aura suave que respira!
Nize, cuida que diz, mas é mentira;
Nize, cuida que ouvia, e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da escuridão,
Si o meu bem, si a minha alma em vos se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

Nem ao menos o eco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nize? Nize? Onde estás? Aonde? Aonde?

Luis de Camões não se envergonharia de subcrever este lindo e delicado soneto, tão suggestivo, tão cheio de sentimento, tão enquadra-do no seu estylo harmonioso e nobre.

Leiamos mais este outro:

"Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rinchões;
São estes inda os mesmos arvoredo;
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que de amor nos suaviámos euredos
Foi acena alegre, e é urna já funesta.

Oh quanto lembrado estou de haver subido
Aquelle monte, e ás vezes que, baixando,
Deixei de pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando;
Que da mesma saudade o infame ruído
Vem as mortas — idêas despertando."

Os sonetos são, no dizer do eminente mestre—dr. João Ribeiro—dentre a copiosa produção que nos legou Claudio Manoel, a eterna corô-a de glória de sua obra literária.

Os seus romances, canções e cantatas, as suas odes, as suas eclogas, epicédios e epistolares contém, entretanto, admiráveis trabalhos, que, por si sós, justificariam a opinião dos que o consideram um dos maiores poetas de nossa lingua no século em que elle viveu.

Menos benigna é a critica dos competentes em relação ao poema heroico *Villa Rica*, que, ao que se suppõe, o proprio poeta não quiz entregar à publicidade, convencido, talvez, de que elle nada ajuntaria à sua glória literária. "Não é somente a monotonia", diz o professor João Ribeiro, "e a pobreza de inspiração, que nos desinteressam no poema; mas é o tom laudatorio, o odor do incenso que se trahem em versos, por ventura menos movidos do amor da pátria que da honra."

A epopeia das *bandeiras*, que o poeta por como objecto do poema, possui, como bem o assignala o erudito mestre citado, materia épica, em muito superior à do *Uraguay*, de Basilio da Gama; mas, os decasyllabos sem rima do poema épico de Basilio, cantando a lucta dos portuguezes, contra os indios, inslignados pelos jesuitas, são de muito maior belleza do que as estrophes de *Villa Rica*.

No canto X, que é o ultimo do poema, Claudio escreveu:

"Enfim serás cantada, Villa Rica,
Teu nome impresso nas montanhas fica,
Terás a glória de ter dado o berço,
A quem te fez gyrar pelo Universo."

E no final do prólogo disse o poeta:
"Estimarei ver elogiada por melhor penna uma Terra que constitue hoje a mais importante capitania dos domínios de Portugal."
O poema da fundação de Villa Rica, é, no conceito de Olavo Bilac e Guimarães Passos, epílogo de pouco valor,—opindo esta compartilha da por todos os críticos, que pode consultar. Não ha de ser, portanto, por via delle, mas sim pelos proprios factos de sua gloriosa historia, que o nome de Villa Rica se perpetuara na memoria dos brasileiros.
O juizo critico do dr. Teixeira de Mello, lido na sessão comemorativa deste Instituto no centenário da morte do poeta (4 de julho de 1889), é um dos melhores trabalhos que já se tem escripto neste assumpto. Julga esse douto homem de letras que Claudio Manoel não fôr ladado para os altos vãos da poesia épica e que "não era para a sua compleição debil e delicada o embocar, como o épico portuguez, a Tuba sonora e bellicosa.
Que o peito accende e a côr do gesto muda.

O HOMEM PUBLICO E O PATRIOTA

Passemos agora a considerar Claudio Manoel da Costa como cidadão, como força do meio social em que viveu, ou como expoente das aspirações de liberdade dos seus patriotas.

Dos documentos historicos que, esparsos aqui e acolá, se encontram em varias lutes de consulta, verifica-se que a idéa libertadora, a aspiração de independencia da Patria não se crystalizara no espirito de Claudio desde a época de sua juventude, ou, menos, ao tempo dos primeiros annos de sua actividade profissional na Capitania.

Secretário do governo na administração do capitão-general Luiz Diogo Freire de Andrada, na do general Luiz Diogo Lobo da Silva e na de José Luiz de Menezes (Alfonso Castello Branco), era Claudio altamente considerado pelos governadores e por elles frequentemente ouvido como uma especie de consultor nos assumptos mais importantes do governo.

Parece que, depois de ter servido como secretario até o governo do dito capitão-general, D. José Luiz de Menezes, conde de Valladares, que se empossou no cargo a 16 de julho de 1768,—Claudio se dedicou exclusivamente a sua profissão de advogado durante varios annos, até o governo de Luiz da Cunha Menezes, com quem serviu de novo como secretario.

Do general Luiz Diogo Lobo da Silva, disse o proprio Claudio no "*Fundamento Historico*" que precede ao poema "*Villa Rica*", que elle "encheu de merecimentos os dias de seu governo."

Do capitão-general Gomes Freire de Andrada, conde Bobadella, basta ler o que disse Claudio, na *carta dedicatoria* em que offereceu ao irmão do mesmo governador o seu poema acima referido.

"Ha muito, que ansiosamente solicito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos beneficios, que tenho recebido da excellentissima Casa de Bobadella.

Quem ignora por quasi trinta annos descansaram com felicidade nas mãos dos excellentissimos Freires as Minas de Ouro do nosso Portugal?

Esse governador—José Antonio Freire de Andrada—substituiu intencionalmente a seu irmão Gomes Freire durante o tempo em que este esteve no Uruguay com a real commissão do tratado de limites.

O elogio de Claudio Manoel aos governadores, que antecederam aos de sua época, não exclue o proprio D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, que, governando as capitanias ainda reunidas de São Paulo e Minas, passou para estas em setembro de 1717 e algou em sangue a revolta de Felipe dos Santos. Com effeito, referindo-se ao dito Conde de Assumar, em seu citado *Fundamento Historico*, escreveu Claudio Manoel:

"Poi o seu governo bastantemente critico por encontrar a opposição dos povos na criação das casas de bandição. Subjugou hercicamente alguns levantados, e sublevações, principalmente os de Pitangui, ultimados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter a Mariana em 28 de junho de 1720—aquí se lhe fez preciso prender a uns, e castigar a outros com a ultima pena.

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tyranho das Minas; mas á sua constancia e resolução deve Portugal a inteira sujeição da capitania; o exemplar castigo acabou de aterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde e seguro de uma vez a real auctoridade.

A dedicatória cortez da eclogia III a Sebastião José de Carvalho e Mello então conde de Oeiras a *Ode* no attentado contra este, já então elevado a marquez de Pombal; os sonetos que lhe dedique a *Falta* ao governador Dom Antonio de Noronha, quando se recolheu da Conquista do Caeté; a *Ode* no anniversario de um filho de D. Rodrigo José de Menezes, são documentos que attestam a inexistência até então de qualquer preocupação nacionalista no espirito de Claudio Manoel da Costa.

No *canto heroico* a D. Antonio de Noronha, na occasião em que os movimentos da guerra do sul o obrigaram a marchar para o Rio de Janeiro com as tropas de Minas Geraes,—o poeta excedeu-se:

"Antonio, o grande Antonio é quem segura
Das Patrias Minas o feliz districto,
Por elle a mão da provida Ventura
Tem o nosso prazer em bronze escripto.

Correi de leite e mel, ó Patrios Rios,
E abri os seios de metal guardado;
Os herbóleos de prata, e de ouro os fios
Saldo do Lazo a esquecer o Estado.

Quem por teu benefício, quem gemia
Ao peso da oppressão, quem melhorado
Não via o seu destino, socorrido
Da tua protecção, de ti ouvido?

À justiça, a razão, a segurança,
De todo o nosso bem, qual nobre indulto
Em ti não encontramos? por ti vivia
Da virtude o esplendor por ti luzia.

D. Antonio de Noronha governou a Capitania de Minas de 29 de maio de 1775 a 20 de fevereiro de 1780, em que foi substituído por D. Rodrigo José de Menezes, o qual passou o governo em 10 de outubro de 1783 a Luiz da Cunha Menezes, que, finalmente, o transferiu ao visconde de Barbacena em 11 de julho de 1788, ou menos de uma anno antes da morte de Claudio Manoel.

Foi somente no curto governo de Luiz da Cunha Menezes, em Minas Geraes, que se começou a formar a Inconfidência.

O conselheiro José de Rezende Costa, um dos poucos inconfluentes que regressaram do horrendo degredo nos inhospitos areos da Africa, traduzindo e anotando a pagina do historiador Southey acerca desse drama da nossa historia, escreveu em 1838: «Tiradentes começou a manifestar seus princípios no governo de Luiz da Cunha Menezes em Minas Geraes, que lhe sendo denunciados, os desprezou, como se declara no *Accordam de Alçada e prosseguido com rigor* no anno de 1788, principio do governo do Visconde de Barbacena, no qual se combinaram o dito Tiradentes e o dr. José Alvares Maciel».

As causas, como se sabe e já o dissemos a principio, eram multiplicas e profundas, vinham de longa data e se prendiam ao systema ignominioso e oppressivo da colonização do Brasil.

Até 1770, não houve instrução publica em Minas, porque o proprio governo entendia ser indispensavel manter o povo na ignorancia, para melhor conservá-lo na escravidão.

Não existia agricultura, nem vias de comunicação, sendo prohibido, sob penas severissimas, abir estradas.

O governo rasgava, no proprio traço dos *bandeirantes*, a estrada que ligava Rio de Janeiro e S. Paulo a Villa Rica e aos districtos auríferos e diamantíferos do norte da Capitania de Minas, e uma outra estrada que ligava Villa Rica ás ricas minas de Paracatu e Goyaz. Nos

pontos extremos, quartéis de *dragões*, incumbidos de reprimir o contrabando do ouro, sendo os moradores obrigados a apresentá-los e attendê-los as requisições, quando em cavalgadas atrevidas percorriam as regiões servidas pelas duas estradas referidas, que eram as únicas existentes na Capitania.

A justiça d'El-Rei era somente para fazer as prisões arbitrárias, auxiliada por uma policia cuja função mais frequente era a de publicar os celebres *bandos* para aterrorizar as populações, ameaçando-as com os despejos violentos, o fechamento compulsório das poucas casas de commercio, as buscas sem motivo e o degredo tyrânico de innocentes chefes de família, cujas esposas e filhas ficavam, inermes victimas, entregues a luxuria boçal da soldadesca desenfreada.

O recrutamento feroz arrancou seis mil jovens patrióticos, só em 1775, de uma população inferior a 180 mil almas, para as guerras continuas no Rio da Prata.

E os males iam sempre crescendo, ao passo que a exaustão das Minas provocava uma terrível crise de miséria do povo, deante da qual não abrandava o appetite violento do fisco portuguez.

Voltaram-se as energias do rebanho trabalhador para outros meios de produção economica e fundaram-se numerosas fabricas de tecido em varios pontos da Capitania. Mas, o alvará regio de 5 de janeiro de 1785, ordenou sob as mais graves penas o fechamento e destruição daquella incipiente industria.

Por fim, a *derrama*, a ameaça de cobrança pelo confisco dos bens dos inelizes devedores, das importancias dos *quintos* em atraso, no valor de seiscentas arrobas de ouro.

Era o aniquilamento total da vida na Capitania, era a miséria definitiva dos que trabalhavam, era a ruína, a escravidão, o opprobrio do povo.

Dahi o movimento dos que, pelas draconianas leis do tempo, se chamaram *inconfidentes*, accusados do crime de *lese-majestade* de terem faltado à fé para com o príncipe; mas, nas paginas da nossa historia, figuram como primeiros martyres, precusores da independencia nacional.

Qual o papel de Claudio nos primeiros factos da conjuração, cujas cabeças eram Tiradentes e José Alvares Maciel?

Sabe-se que tomou parte em reuniões secretas em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, commandante do regimento de dragões, de que era alferes o Tiradentes, e que participou tambem da discussão para a escolha da bandeira e armas da nova Republica.

Tiradentes suggeria para o escudo um triangulo, symbolizando as tres pessoas da Santissima Trindade; Claudio abstriu a adopção das armas notto-americanas—o genio da America rompendo cadeias—e a legenda—*Libertas quo spiritus*; Alvarenga Peixoto julgou pobre de